

Notas sobre a organização religiosa e social dos índios kaingang

Curt Nimuendajú

Abril/1913

O mito de origem diz que os primeiros desta etnia saíram do chão, por isso tem a cor da terra. Chefiados por dois irmãos gêmeos, Kañerú e Kamé, cada um trouxe um grupo de pessoas de ambos os sexos.

Kamé



Kairú



Os Kaingang também são conhecidos como coroados, pertencem a família linguística Jê, e são uma sociedade dualística, onde as metades conduzem toda a vida social e religiosa desse povo.

As cores usadas pelos Kaingang são o preto e o vermelho, nos dias de festas e rituais pintam-se na cor e com o símbolo do seu clã.



O kamé é o mais forte, tem o corpo grosso, pés grandes, e são vagarosos nos movimentos.



O kairú é o mais fraco, tem o corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos movimentos e resoluções.

No mito de origem:

Foram esses dois irmãos gêmeos que criaram todas as plantas e os animais, e povoaram a terra com seus descendentes, por isso, todos os seres manifestam a sua descendência, tanto no temperamento, quanto no aspecto físico.

Eles reconhecem os seus traços físicos no couro dos animais, nas penas das aves, nas folhas ou na madeira das plantas.

*O sol é Kamé;
A lua é Kairu.*

*O cedro é Kamé,
O pinheiro é kairu,*

Na caça, na guerra não podem matar um animal ou pessoa pertencente a sua metade.

Por exemplo: O Kairú não pode matar a onça acanguçu, porque pertencem ao mesmo clã.



Os casamentos são exogâmicos, assim, os indivíduos de uma metade devem casar-se com os indivíduos da outra. Mas também podem casar-se com outros grupos indígenas ou indivíduos da sociedade envolvente.



Quando nasce uma criança, ela pertencerá a parte respectiva do seu pai, mas são os Kuyás (pajés ou rezadores) que dão o nome para ela, conforme o seu clã. Então, através do nome sabemos a qual metade o indivíduo pertence.



Além dos clãs, ainda existem as classes:

Paí: São os rezadores e organizadores de festas.

Pené: É uma pessoa imune a doenças e feitiços.
A função mais importante é exercida nos funerais do seu clã, pois é o pené que carrega o cadáver para o cemitério.

Vodorô: Substituem os pené, inclusive são considerados classe superior as duas anteriores.



No ritual funeral:

Na cosmologia kaingang, cantam para ensinar o caminho ao falecido(a), a alma passará primeiro por um caminho escuro, depois um claro e encontrará outros defuntos que lhes oferecerão comida. Se comer continua o caminho, se não, poderá retornar para casa.

“Assim se explica os casos de pessoas que já pareciam mortas, voltarem a si”.

(Pág: 64)

Ex: O caso da Sra. Ilda Caetano do Nascimento, da Terra Indígena Borboleta.

Festa do Kiki



A Festa do Kiki, é uma festa anual muito importante, é dedicada aos mortos. Consiste em afastar os espíritos maus e chamar os espíritos do mortos e levá-los embora do cemitério para ficarem em paz. Estes espíritos são representados por cruzes, onde são feitas as pinturas Kamé e Kairu.

Festa do Kiki

A festa dura três dias e acontece quando o milho está no ponto para preparar a bebida kiki, uma espécie de canjica com mel, fermentada num tronco de araucária.

Um paí de cada clã escolhem as pessoas que irão trazer o mel e outros materiais para a festa.

Neste sistema dualístico, há reciprocidade e hierarquia.

Durante toda a festa, nos rituais, danças, competições... As pessoas representam o seu clã ou a sua classe. Identificados através de pinturas corporais, adornos feitos de penas e pelo designer dos mesmos. Os adultos bebem muito, até caírem embriagados.



Na festa do Kiki...

...acontecem várias cerimônias, mas Nimuendajú disse que foi pouco informado sobre elas. Os rezadores dias antes da festa reúnem-se e narram com minúcias os mitos de origem, que servirá de base e justificação para todas as cerimônias.



O jaguar na crença kaingang

Na mitologia Guarani o jaguar é a personificação do mal, mas para os kaingang é um parente ou um amigo. No entanto, as vezes é um parente mal que precisam combater.




Todos os kaingang tem o desejo de travar relações com o “parente” jaguar.

Os mitos contam que:

O Kairú fez o jaguar acanguçu (de malhas miúdas), e o Kamé fez o jaguar fagnareté (de malhas grandes).

Os kuyás (rezadores) utilizam o jaguar como símbolo da sua cosmologia para curar. As vezes eles enchergam um ser na forma humana, em outras um jaguar.

“O curandeiro canta por isso, se ele é kañerú, ao acanguçu, se ele é kamé, ao fagnareté e às vezes também ao gavião kaky, e depois se deita e sonha. O jaguar aparece então, trazendo um pedaço de carne na boca e chegando perto do doente, lhe oferece a carne. Se o doente aceita e come, ele sarará, mas, se ele vira a cara para o outro lado não há mais dúvida que ele morrerá da doença.” (Pág. 72)



O autor narra o mito de um caçador que foi atendido por um grande jaguar , em seu sonho ele mostrou os lugares onde o caçador iria encontrar caças grandes e mel, então ele passa a caçar sozinho e traz para casa bastante caças grandes.

Mas o caçador encontra os rastros de uma jaguar fêmea que o guia a esconderijos de caça e mel. Enfeitiçado, ele vai para o reino dela, mas retorna para casa à noite, voltando ao reino da jaguar pela manhã.

Os seus parentes notam e tratam de curá-lo. Então na ruptura do mito: Uma rezadeira cura mivê (Videntes de jaguar) e esse passa a ficar mais em casa, preguiçoso não quer mais caçar e melar.

O mivê é um rapaz jovem e solteiro e suas relações com a jaguar fêmea duram alguns anos juvenis.



Comentários:

Eduardo Viveiros de Castro diz que:

Apesar de um estilo antropológico, os trabalhos de Nimuendajú apresentam um domínio incompleto do campo e uma formação errática, onde ele busca várias formas de analogias para explicar de forma arcaica o que está vendo em campo.

Mas mesmo assim as suas monografias abriram para as pesquisas sobre estrutura social das sociedades Jê. Contribuindo para os estudos dos seus sucessores, como Levi-Strauss, que em 1950 fundou a antropologia estruturalista, que mudou totalmente nosso campo de estudos.



Conclusão:

Nimuendajú explica a estrutura social, religiosa a partir da cosmologia dos grupos, nesse texto foi a partir dos mitos dos Jê.

E faço a minha conclusão apoiada num pensamento de Eduardo Viveiros de Castro, que diz: “Nos grupos ameríndios, tanto nos grupos Jê, quanto nos Tupi-Guarani, a cosmologia predomina sobre a organização social, e religiosa, ou seja, é parte constitutiva da estrutura social, formando assim a cultura de cada grupo”.

No texto sobre os kaingang ele apresentou a estrutura social e nos Guarani a religião.

www.antropologiasocial.com.br